



## MISERICÓRDIA E FAMÍLIA NA EXORTAÇÃO APOSTÓLICA *AMORIS LAETITIA*

Robson Ribeiro de Oliveira CASTRO<sup>P</sup>

### RESUMO

O presente texto visa analisar o caminho feito pelo Papa Francisco na sua proposta de uma Igreja em saída e na sua atuação com o povo, atendendo ao período do Ano da Misericórdia (2015-2016). Francisco se mostra atento e preocupado com a realidade das famílias e das vocações. A Igreja, atenta a este dado, se coloca a ouvir e se mostra forte para tentar observar e aconselhar os problemas que envolvem a todos os casais. De fato, é importante observar o caminho sinodal feito até o fim com a Exortação Apostólica *Amoris Laetitia* e seus desdobramentos. A família é alicerce da sociedade e corresponsável pelo projeto de Deus. Desta forma, é apresentada a misericórdia como amor ao próximo e como alicerce para o encontro com o Ressuscitado. Francisco não quer mudar as doutrinas da Igreja e, o que já é fato, apresenta uma perspectiva atuante para a relação entre a igreja e a sociedade.

Palavras-chave: Francisco. *Amoris Laetitia*. Família. Misericórdia.

### 1 INTRODUÇÃO

O cardeal Jorge Mario Bergoglio, jesuíta, foi eleito Sumo Pontífice aos 13 de março de 2013, após a renúncia de Papa Bento XVI. Sob o nome de Francisco, recordando o jovem de Assis, o Papa, além de demonstrar preocupação com os temas sociais e ecológicos, trouxe à reflexão os dilemas da família nos dias de hoje.

---

<sup>P</sup> Mestre em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), em Belo Horizonte. Professor de Teologia do Instituto Teológico Franciscano (ITF), Petrópolis. E-mail: <robsoncastro@yahoo.com.br>.

Para isso, o Papa convocou o Sínodo envolvendo temas pertinentes à família no contexto da evangelização. O Sínodo Extraordinário dos Bispos, que aconteceu em outubro de 2014, preparou o Sínodo Ordinário dos Bispos, realizado em outubro de 2015, no Vaticano. Após as assembleias sinodais, o Papa Francisco redigiu um documento que foi lançado no dia 08 de abril de 2016, sob o título **Exortação apostólica pós-sinodal *Amoris Laetitia*, sobre o amor na família.**

A publicação do documento está inserida na proposta do Jubileu do Ano Santo da Misericórdia anunciado pelo Papa Francisco por meio da **Bula de Proclamação *Misericordiae Vultus (O Rosto da Misericórdia)***. O Jubileu iniciou em 08 de dezembro de 2015 e se concluiu no dia 20 de novembro de 2016, com a Solenidade de Jesus Cristo Rei do Universo. Portanto, o conteúdo da **Exortação *Amoris Laetitia***, está em sintonia com a vivência da misericórdia desejada por Francisco, permitindo a leitura e estrutura deste trabalho.

Apresentaremos alguns aspectos da relação entre a misericórdia e a família, principalmente com a mudança antropológica da sociedade, e, pautados no projeto de amor de Deus que olha para toda e qualquer forma de configuração familiar, uma vez que seu acolhimento é imensurável.

## 2 O DESEJO DE FRANCISCO: A MISERICÓRDIA

Francisco, mesmo antes de se tornar Papa, na cidade de Buenos Aires, onde era Arcebispo, mostrava seu empenho e dedicação aos mais necessitados e marginalizados. Após sua eleição como Sumo Pontífice da Igreja Católica, se apresentou como um pastor do povo, que busca sempre o testemunho evangélico de Cristo para seguir seu ministério.

O anseio da vivência evangélica cristã vai para além do nome escolhido. Se ainda em seu ministério sacerdotal, Papa Francisco vivia uma vida engajada, essa característica se firma quando em sua primeira celebração, após o conclave, no dia 17 de março, na Igreja de Santa Ana, no Vaticano, ele pronuncia a necessidade do cristão buscar o outro, promover o bem e viver com alegria. Tal ensejo norteia sua **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium***<sup>1</sup>, de 2013, e que, juntamente com suas

---

<sup>1</sup> A alegria do Evangelho é a primeira Exortação Apostólica do pontificado de Papa Francisco. Trata do anúncio do Evangelho no mundo atual. Nesta obra, o Papa se refere amplamente à alegria, sobretudo a alegria que vem do encontro com o Senhor.

homilias, com os demais documentos por ele publicados e sua vivência pessoal, criam uma coerência de seu carisma.

Com um olhar atento às famílias, em 2014, ele convoca o Sínodo dos Bispos com o desejo de que todas as famílias participassem e fossem ouvidas. O apelo principal é que os cristãos fixassem seus olhares na Misericórdia do Pai, e assim também procedesse na família e no mundo. Para tanto, propõe a vivência das obras de misericórdia<sup>2</sup> que devem ser observadas pelos cristãos concretizando verdadeiramente o proposto pelo Jubileu Extraordinário intitulado Ano da Misericórdia.

No início de 2016, após o fim das reuniões do Sínodo dos Bispos, Francisco escreve a **Exortação Apostólica pós-sinodal, *Amoris Laetitia***<sup>3</sup>, sobre o amor na Família. Sua intenção é apresentar uma Igreja humana e misericordiosa, que está atenta aos problemas da família e suas diversas necessidades na sociedade hodierna. Francisco deseja uma Igreja inserida na realidade atual onde a família é a protagonista e também uma Igreja que busca atitudes evangélicas para as questões sociais e morais que se apresentam na pós-modernidade.

Francisco deseja que todos busquem a misericórdia e para isto, recorre à imagem de Deus, que aparentemente se perdeu ao longo das construções das relações sociais, como um Pai Misericordioso:

a imagem que temos de Deus condiciona profundamente o nosso modo de viver a dimensão moral da fé. Para ela, urge retornar ao Deus de Jesus Cristo se quisermos viver a autonomia própria de quem se sente protegido e amparado pelo amor de um Deus que é rico em misericórdia (ZACHARIAS, 2015, p. 16).

---

<sup>2</sup> As obras da misericórdia estão divididas em dois grupos: Obras corporais: 1. Dar de comer aos famintos; 2. Dar de beber aos que tem sede; 3. Vestir os nus; 4. Acolher o estrangeiro; 5. Visitar os enfermos; 6. Visitar os encarcerados; 7. Sepultar os mortos. E também em obras espirituais: 1. Aconselhar os duvidosos; 2. Ensinar os ignorantes; 3. Admoestar os pecadores; 4. Consolar os aflitos; 5. Perdoar as ofensas; 6. Suportar com paciência as injustiças; 7. Rezar a Deus pelos vivos e pelos mortos.

<sup>3</sup> O referido documento possui 325 parágrafos, divididos da seguinte maneira: introdução (n.1-7); 1. À luz da palavra (n.8-30); 2. A realidade e os desafios das famílias (n.31-57); 3. O olhar fixo em Jesus: a vocação da família (n.58-88); 4. O amor no matrimônio (n.89-164); 5. O amor que se torna fecundo (n.165-198); 6. Algumas perspectivas pastorais (n.199-258); 7. Reforçar a educação (n.259-290); 8. Acompanhar, discernir e integrar a fragilidade (n.291-312); 9. Espiritualidade conjugal e familiar (n.313-325).

Outra importante publicação que auxilia o diálogo de Francisco com a misericórdia é o livro recém lançado: **O nome de Deus é Misericórdia** (2016)<sup>4</sup>. Nele, Francisco reafirma seu desejo de que todos, principalmente em família, estivessem atentos à misericórdia e, diante das dificuldades, buscassem o amor misericordioso de Deus. Sua dedicação à família reflete sua crença de que a sociedade é o reflexo das famílias, é a Igreja doméstica que deveria estar a serviço.

A Igreja é família de famílias, constantemente enriquecida pela vida de todas as igrejas domésticas. Assim, “em virtude do sacramento do matrimônio, cada família torna-se para todos os efeitos um bem para a Igreja. Nesta perspectiva, para o hoje da Igreja, será certamente um dom precioso ter em consideração também a reciprocidade entre família e Igreja: a Igreja é um bem para a família, a família é um bem para a Igreja. A preservação do dom sacramental do Senhor compete não apenas à família individual, mas à própria comunidade cristã” (FRANCISCO, 2016b, n. 87).

Francisco assevera sobre a necessidade de uma conversão pastoral e pessoal da Igreja à misericórdia, e reafirma o exemplo de Jesus Cristo. Dentre tantos momentos que elucidam o olhar misericordioso de Jesus para com os homens, é ressaltada a cena da mulher adúltera que seria apedrejada. Na passagem mencionada Jesus se encontra no meio do povo e lhe é apresentada uma mulher pega em flagrante adultério e os escribas e fariseus lhe perguntam o que deve ser feito com ela.

Na Exortação Apostólica *Amoris Laetitia*, a mulher vive dois momentos distintos nesta passagem bíblica, “primeiro, rodeada pelos seus acusadores e, depois, sozinha com Jesus, que não a condena, mas convida a uma vida mais digna” (Jo 8, 1-11) (FRANCISCO, 2016b, n. 27). A atitude de Jesus ao pedir para que eles a julgassem, a partir de seus próprios comportamentos, levou-os a se reconhecerem pecadores. Papa Francisco esclarece este fato com sua explicação.

“Eles não se importavam com a mulher; não se importavam com os adúlteros”. Aliás, “pode ser até que alguns deles fossem adúlteros”. E foi então que Jesus, que queria ficar sozinho com a mulher e falar-lhe ao coração, respondeu: “Quem de vós estiver sem pecado, atire a primeira pedra!” (FRANCISCO, 2016a, p. 20-21)

---

<sup>4</sup> O livro traz uma entrevista exclusiva concedida ao vaticanista Andrea Tornielli, em julho de 2015, na Casa Santa Marta, após a visita do Papa à América Latina (Equador, Bolívia e Paraguai), na qual o pontífice explica o porquê do Ano da Misericórdia que teve início em 8 de dezembro de 2015.

Jesus percebe que o interesse dos fariseus e doutores da lei não estava na mulher ou no pecado por ela cometido, mas no posicionamento que Ele iria tomar frente à lei de Moisés, que no caso de sua negação, poderia condená-lo.

Segundo o Papa, a misericórdia é a carteira de identidade de Deus e esta deveria ser o rosto da Igreja. É a atitude divina que abraça, é o doar-se de Deus que acolhe e que se dedica a perdoar (FRANCISCO, 2016a, p. 37). Jesus propõe uma misericórdia e não uma punição perante a lei.

Para “fazer misericórdia”, Jesus ultrapassa “a Lei que a condenava ao apedrejamento”. Tanto que diz à mulher para ir em paz. “A misericórdia, [...]” “é algo difícil de entender: não apaga os pecados”, porque o que apaga os pecados “é o perdão de Deus”. Mas “a misericórdia é a maneira com a qual Deus perdoa” (FRANCISCO, 2016a, p. 22).

A conduta de Jesus não era vivenciada pelos doutores da lei e fariseus. O Papa alerta para que os cristãos não sejam como os doutores da lei, mas que pautem suas ações na misericórdia Divina. Se antes a aliança de Deus com o povo era a lei dada por Moisés, agora Cristo sela a aliança do amor, na qual a misericórdia deve sobrepor ao julgamento. Para isso, o cristão deve se apegar ao Evangelho e à causa de Cristo acolhendo os mais necessitados e buscando aqueles que ninguém buscava. A misericórdia de Deus não prioriza o cumprimento da lei, mas o acolhimento das misérias.

[...] sempre disse que o senhor “nos primerea”, ou seja, nos precede, se antecipa à nós. Acredito que o mesmo se possa dizer de sua misericórdia divina, concedida para sarar nossas feridas e que nos antecipa. Deus nos acompanha com atenção; espera que lhe abramos ao menos uma pequena fresta para que possa agir em nós com seu perdão, com a sua graça. Apenas quem foi tocado, acariciado pela ternura da misericórdia, conhece verdadeiramente o Senhor. Por isso, repeti muitas vezes que o lugar em que acontece o encontro com a misericórdia de Jesus é o meu pecado. Quando se experimenta o abraço de misericórdia, quando nos deixamos abraçar, quando nos deixamos tocar; então a vida pode mudar, porque procuramos responder a este dom imenso e surpreendente, que aos olhos humanos pode até parecer “injusto”, por ser tão grande (FRANCISCO, 2016a, p. 67-68).

É de exemplos como este de Jesus que Papa Francisco aponta para que a ação evangelizadora da Igreja tem que ser acima de tudo, pautada na caridade e no amor, pois é na promoção da dignidade humana que está a verdadeira atuação

cristã e de onde advém a verdadeira Teologia Moral. A Igreja precisa buscar uma maior abertura para que assim atue de forma concreta e atual.

A moral cristã abre-se aos problemas sociais e abraça as grandes categorias da modernidade como os Direitos humanos, democracia, liberdade e igualdade social. As novas perspectivas brotam das bases da Igreja (teólogos, leigos engajados, clero progressista, religiosos, etc.) que, aos poucos, deixam de ser meros porta-vozes de uma hierarquia prisioneira da pré-modernidade (GASDA, 2015, p. 211).

Nesta mesma perspectiva, o cristão deve observar sua conduta diante de Deus. Para exemplificar, segue a passagem em que Jesus explica aos discípulos a diferença entre o publicano e o fariseu: “O fariseu, em pé, orava no seu interior desta forma: Graças te dou, ó Deus, que não sou como os demais homens: ladrões, injustos e adúlteros; nem como o publicano que está ali” (Lc 18,11). Infelizmente, mais uma vez se sobrepõe a cultura separatista predominante na sociedade. Esta cultura está impregnada na família, na medida em que criticam, falam mal e julgam suas próprias famílias e as famílias dos outros.

Francisco, atento à realidade do homem de hoje, afirma que a humanidade precisa de misericórdia mais do que nunca pois está ferida e necessitada de apoio. Ele assinala ainda que Deus não se cansa de perdoar e, assim também o cristão não deve se cansar de pedir o seu perdão. “A paciência de Deus é exercício da misericórdia de Deus para com o pecador e manifesta o verdadeiro poder” (FRANCISCO, 2016b, n. 91).

A parábola mais expressiva usada para fazer compreender a dimensão do perdão é a narrativa conhecida como a história do Filho Pródigo (Lc 15,11-32). A dinâmica do perdão inicia com o reconhecimento, por parte do filho mais novo, de seu erro e, em seguida pela atitude misericordiosa do pai ao receber o filho de volta. Na sequência da parábola a atitude humana do filho mais velho chama atenção. Ele possivelmente esperava uma punição para o irmão por tudo que fez, demonstrando um coração marcado por suas próprias fraquezas. Porém, o pai não desejava qualquer mal, apenas queria o bem do filho que regressou à casa.

Muitos cristãos se colocam no lugar do irmão mais velho, entretanto, devemos refletir sobre a sua reação quando se depara com o amor do pai por aquele que estava perdido. O preço que se recebe pela fidelidade de uma vida deve estar na caminhada, pois a recompensa é a mesma: o amor, o acolhimento e a misericórdia

de Deus. O não regozijo com a volta do outro, é diretamente proporcional à não convicção da entrega que se faz a permanecer ao lado do pai.

Essa passagem traz para os cristãos a imagem de como é a misericórdia de Deus. Uma conclusão que se pode tirar dos comportamentos dos personagens da parábola do Filho Pródigo (Lc 15,11-32) se refere à conduta ética que Jesus expressa ao evangelizar. Coloca atitudes de amor em situações do cotidiano do povo.

Assim também o Papa Francisco conclama a Igreja, bem como a família, no dever de fazer o caminho salvífico a partir do outro, ou seja, nas relações: “a Igreja tem a missão de anunciar a misericórdia de Deus, coração pulsante do Evangelho, que por meio dela deve chegar ao coração e à mente de cada pessoa” (FRANCISCO, 2015, n. 12).

A ética cristã deve atentar-se para as questões antropológicas e o Papa Francisco nos apresenta o desejo de uma Igreja voltada sempre para o mais necessitado, aberta e em saída. A verdadeira atitude evangélica deve reconhecer a aliança feita por Cristo, o Cordeiro.

O julgamento deve dar lugar à consciência cristã de que o outro também é filho de Deus e, portanto, um irmão de caminhada. O respeito e a oração devem permear as relações e não se deve infligir a dignidade de quem quer que seja. Deve-se ter o respeito pela terra sagrada do outro.

Para entender e fazer da vida um dom e valorizar este dom, deve-se ter a certeza de que Deus é Pai e que perdoa: “o remédio existe; a cura acontece se dermos apenas um pequeno passo em direção a Deus” (FRANCISCO, 2016a, p. 25-26). E continua: “[...] ou se pelo menos, tivermos a vontade de dar esse passo.” (FRANCISCO, 2016a, p. 26).

O Papa Francisco sinaliza, então, o caminho da remissão e da experiência da misericórdia através de uma conversão evangélica, principalmente quando se passa pelo confessorário.

O reconhecer-se pecador é uma graça. É uma graça que nos é dada. Sem a graça, no máximo podemos dizer: sou limitado, tenho meus limites, estes são os meus erros. Mas reconhecer-se pecador é outra coisa. Significa nos colocarmos perante Deus, que é o nosso tudo, apresentando-lhe nós mesmos, ou seja, o nosso nada; as nossas misérias, os nossos pecados. É realmente uma graça que se deve pedir (FRANCISCO, 2016a, p. 65).

Assim como Jesus, Francisco quer promover uma ética comportamental encarnada na vivência cotidiana, pautada no respeito humano, inspirada na misericórdia divina e voltada, sempre, para a valorização da vida que precisa ser entendida como dom.

### 3. A FAMÍLIA E A MISERICÓRDIA

Em sintonia com os documentos anteriores da Igreja, que a partir do Concílio Vaticano II, vê a família como lugar especial de salvação e de vivência por excelência da misericórdia, o Papa lança seu olhar à realidade contemporânea, e sem falso pudor fala de forma aberta também aos que sofrem por estarem em situações diversas ao modelo tradicional de família. Francisco afirma:

Esta Exortação adquire um significado especial no contexto deste Ano Jubilar da Misericórdia, em primeiro lugar, porque a vejo como uma proposta para as famílias cristãs, que as estimule a apreciar os dons do matrimônio e da família e a manter um amor forte e cheio de valores como a generosidade, o compromisso, a fidelidade e a paciência; em segundo lugar, porque se propõe encorajar todos a serem sinais de misericórdia e proximidade para a vida familiar, onde esta não se realize perfeitamente ou não se desenrole em paz e alegria (FRANCISCO, 2016b, n. 5).

Francisco não deseja mudar nada em relação às obrigações do matrimônio, entretanto assevera sobre os aspectos moralistas que podem fugir da realidade. À exemplo desta abertura escreve que a indissolubilidade do matrimônio “não se deve entender primariamente como ‘jugo’ imposto aos homens, mas como um ‘dom’ concedido às pessoas unidas em matrimônio” (FRANCISCO, 2016b, n. 62).

Outro aspecto importante citado pelo Papa é a comunhão de Deus e a sua Igreja revelada na comunhão entre homem e mulher: “a comunhão com Deus se reflete na comunhão do casal humano, e a perda da confiança no Pai celeste gera divisão e conflito entre homem e mulher” (FRANCISCO, 2016c, p. 70). Para tanto, mais uma vez, a Igreja é convidada a ser luz e sustentação para as famílias, pois esta só refletirá em plenitude o amor de Deus quando as famílias estiverem acolhidas para assim formarem uma família de famílias que se entreejudam.

Francisco é consciente, chama todos a refletir sobre a responsabilidade do matrimônio, expressão viva do amor de Deus pela humanidade, e clama por uma



maior seriedade dos cristãos em seus envolvimento com os problemas da vida e as dificuldades enfrentadas no dia-a-dia.

O matrimônio cristão, reflexo da união entre Cristo e a sua Igreja, realiza-se plenamente na união entre um homem e uma mulher, que se doam reciprocamente com um amor exclusivo e livre fidelidade, se pertencem até à morte e abrem à transmissão da vida, consagrados pelo sacramento que lhes confere a graça para se constituírem como igreja doméstica e serem fermento de vida nova para a sociedade. Algumas formas de união contradizem radicalmente este ideal, enquanto outras o realizam pelo menos de forma parcial e analógica (FRANCISCO, 2016b, n. 292).

O Papa trata da relação entre a misericórdia e a compaixão quando diz que a misericórdia é divina e a compaixão tem rosto humano. Aponta que o mais importante é abrir-se à misericórdia de Deus, na expectativa de transfigurar o rosto humano no rosto de Jesus que selou a aliança de amor de Deus para com a humanidade. Assim sendo, se Deus oferece aos homens sua misericórdia, cabe a eles buscar essa aliança, que, a exemplo, só pode ser baseada no amor.

A Exortação Apostólica do Papa Francisco comunica às famílias a direção a seguir para viver essa aliança. Em uma sociedade indiferente às instituições, às relações homem e mulher, desconstruída pelo relativismo e pela política econômica, que prega o individualismo e o narcisismo, a família deve dar o testemunho do amor e da misericórdia de Deus. A aliança com Deus só é possível através do amor e da misericórdia para com o outro, o próximo, a família, o pecador. Para as futuras gerações faz-se necessário este retorno à comunhão com Deus e a comunhão no matrimônio.

Se não encontrarmos um sobressalto de simpatia por esta aliança, capaz de proteger as novas gerações contra a desconfiança e a indiferença, os filhos virão ao mundo cada vez mais desenraizados dela, desde o ventre materno. A desvalorização social da aliança estável e generativa do homem e da mulher é sem dúvida uma perda para todos (FRANCISCO, 2016c, p. 73).

Assim Francisco pede que os cristãos sejam audaciosos na busca de formas de evangelização em prol de uma Igreja plural e não fechada em seus enrijecidos obstáculos à salvação. O Papa deseja que a misericórdia de Deus chegue a todos e ressalta a necessidade de se lutar contra as mazelas do mundo no qual as famílias estão inseridas. Quanto ao matrimônio, adverte: “o vínculo matrimonial e familiar é algo sério, e para todos, não apenas para os crentes. Gostaria de exortar os

intelectuais a não desertar esse tema, como se fosse secundário para o compromisso a favor de uma sociedade mais livre e mais justa” (FRANCISCO, 2016c, p. 68-69).

Francisco invoca a Igreja a se portar de forma a não viver longe dos aspectos evangélicos e da misericórdia. Ele reconhece que, mesmo no seio da Igreja, existe uma dificuldade de se viver a misericórdia e uma tendência à condenação. Para o Papa, a Igreja condena o pecado, porque deve dizer a verdade, mas ao mesmo tempo deve abraçar o pecador, pois todos os são.

Acompanhando o Senhor, a Igreja é chamada a transmitir a sua misericórdia a todos, não estando no mundo para condenar, mas para permitir o encontro com o amor visceral que é a misericórdia de Deus. Para tanto, Francisco aponta para a referência de vivência que deverá ser sempre o Evangelho.

Com o ardente desejo de misericórdia, e a proposta de Francisco, a Igreja deve acolher sempre, pois todos são filhos de Deus e devem contemplar o rosto de Cristo. As crises enfrentadas pelos casais devem ser encaradas com maturidade, pautadas no diálogo visando a promoção e o crescimento da família. A educação dos filhos é de importância ímpar para o crescimento familiar.

A prática da misericórdia se apresenta em atitudes que favorecem a vida familiar. Francisco assevera aos que buscam respostas, que não se pode esperar uma norma geral para todos os casos, isso seria impossível, dado aos inúmeros casos e diversos cenários em que os casais hoje vivem (FRANCISCO, 2016b, n. 300). Mas, ainda assim, o Evangelho é o maior instrumento de norteamento.

Além da consciência, deve-se buscar a misericórdia e o discernimento. Esse discernimento é “dinâmico e deve permanecer sempre aberto para novas etapas de crescimento e novas decisões que permitam realizar o ideal de forma mais completa.” (FRANCISCO, 2016b, n. 303). Na *Amoris Laetitia*, o Papa por sua própria misericórdia, em detrimento do discurso da lei do magistério, afirma que:

Ninguém pode ser condenado para sempre, porque esta não é a lógica do Evangelho! Não me refiro só aos divorciados que vivem numa nova união, mas a todos seja qual for a situação em que se encontrem. Obviamente, se alguém ostenta um pecado objetivo como se fizesse parte do ideal cristão ou quer impor algo diferente do que a Igreja ensina, não pode pretender dar catequese ou pregar e, neste sentido, há algo que o separa da comunidade (cf. Mt 18, 17). Precisa voltar a ouvir o anúncio do Evangelho e o convite à conversão. Mas, mesmo para esta pessoa, pode haver alguma maneira de participar na vida da comunidade, quer em tarefas sociais, quer em reuniões

de oração, quer na forma que lhe possa sugerir a sua própria iniciativa discernida juntamente com o pastor (FRANCISCO, 2016b, n. 297).

De certo, aqui é que se chega à proposta mais importante de todo o processo do Sínodo dos Bispos. Francisco, diante da Tradição e do Magistério, não intenta uma mudança do estabelecido, entretanto, frente ao desejo de mudança do pensamento da Igreja de transformações sociais, opta pelo caminho da misericórdia de maneira coerente ao proposto no Ano Jubilar. A Igreja aberta e em saída, deve ir ao encontro do outro e retirá-lo do sofrimento, dar alento aos que precisam e aos que buscam a Igreja.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar a misericórdia aos olhos de Francisco, podemos observar que seu desejo é, acima de tudo, conciliar a beleza existente nos parâmetros oferecidos no Magistério, com relação ao matrimônio e à concepção familiar, à realidade contemporânea de família. Diante da tradição e do Magistério, Francisco vislumbra a única opção possível: propor mudanças a partir do conteúdo dos Evangelhos e sob o olhar misericordioso do Pai.

O Bispo de Roma, desde sua eleição, propõe uma mudança, estrutural, mental e espiritual na Igreja de Cristo e através da **Amoris Laetitia** o cristão é convidado a fazer a experiência da misericórdia de Deus. A família deve ser construída e pautada na verdadeira misericórdia ensinada por Cristo, que pregou com a vida e com o testemunho a aliança de amor, para chegar a Deus através do outro.

A misericórdia de Deus é gratuita, é uma graça que está à disposição de quem se coloca em atitude de dar e pedir o perdão. A família, célula da sociedade e a Igreja doméstica, está inserida em um mundo de transformações socioculturais impressionantes e o ser humano busca sua adaptação constante, vive sempre se adequando a diversas situações.

A Igreja, com suas normas e leis, deve buscar não fechar os olhos para as realidades do mundo. A exemplo dos Franciscos, de Roma e de Assis, o cristão deve estar atuante nos processos de transformação da sociedade. Deve ter um

olhar atento para os que mais necessitam. Deve guardar a fé, a esperança e a caridade, viver o Evangelho e exercitar a misericórdia e o acolhimento.

Certos de que Deus confiou ao homem sua criação e seu Cordeiro, o cristão deve se portar como herdeiro legítimo da salvação, prezar por sua integridade, alimentar sua fé e buscar a misericórdia de Deus diariamente para prosseguir enfrentando os problemas e as adversidades.

Francisco demonstra o desejo de ressurgir o sentimento de misericórdia nos corações. Ele se preocupa com os feridos, como uma mãe que está atenta aos seus filhos. Age como instrumento do próprio amor de Deus que se padece por suas ovelhas. Através do sucessor de Pedro, nesta Exortação, Cristo mesmo acolhe e pega em seu colo cada família, cada cristão. Ele vem ao encontro do seu povo, reconhecer seu rebanho, acalantar os corações e dar a orientação para o caminho de santidade e conversão.

Às famílias, fica a orientação e o chamado a serem como o pai bondoso que espera atentamente o retorno do filho, para acolhê-lo e curar suas feridas. A serem semente, sal e pescadores de homens em um mundo que, se por um lado, vê ruir suas estruturas institucionais, por outro, se fortalece na convicção e na alegria dos que ainda optam por caminhar firmes na fé.

## **MERCY AND FAMILY IN THE APOSTOLIC EXHORTATION *AMORIS LAETITIA***

### **ABSTRACT**

The present text aims at the work done by Pope Francisco in his proposal for a church that is going out and in its work with the people in the territory of the Year of Mercy (2015-2016). Francisco is attentive and concerned about the reality of families and vocations. The Watchful Church is a TV program, it is an attention program and it is important for the problems that involve all couples. In fact, it is important to follow the path made so far with the *Apostolic Exhortation Amoris Laetitia* and its developments. The family is a foundation of society and co-responsible for God's plan. In this way, mercy is presented as love to others and as a foundation for the encounter with the Risen One. Francis does not want to change and doctrines of the

Church and what is already a fact presents a perspective for a relationship between a church and a society.

Keywords: Francisco. Amoris Laetitia. Family. Mercy

## REFERÊNCIAS

FRANCISCO, Papa. **Misericordiae Vultus**, Bula de Proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia. São Paulo: Paulinas. 2015.

FRANCISCO, Papa. **O nome de Deus é Misericórdia**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2016a.

FRANCISCO, Papa. **Exortação apostólica pós-sinodal Amoris Laetitia**, sobre o amor na família. São Paulo: Paulinas, 2016b.

FRANCISCO, Papa. **A família que gera o mundo**: as catequeses de quarta-feira. São Paulo: Paulus, 2016c.

GASDA, Élio Estanislau. Política cristianismo e laicidade. **Perspectiva Teológica**, Belo horizonte, v. 47, n. 132, p. 203-220, maio/ago. 2015

ZACHARIAS, Ronaldo. Introdução. In.: \_\_\_\_\_; TRANFERETTI, José Antônio; MILLEN, Maria Inês de Castro. **Introdução à ética teológica**. São Paulo: Paulus, 2015, p. 15-20.